



## **BANZEIROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA AMAZÔNIA: A CANOA PROEF CHEGA À REGIÃO NORTE**

Victor José Machado de Oliveira<sup>1</sup>  
Lúcio Fernandes Ferreira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Relato de experiência que objetiva apresentar os banzeiros da Educação Física na Amazônia com a chegada da canoa PROEF na região Norte do país. Fazemos um tributo às raízes originárias e apresentamos a chegada do PROEF no Amazonas. Ressaltamos a importância do saber local a partir dos relatos e produções dos sábios locais (mestrados/as). Refletimos sobre os desafios e apostamos nas potencialidades de um paradigma emergente e decolonial que vai se materializando numa ciência ancestral. Advogamos por uma Educação Física Amazônica e pela expansão da rede na região a fim de brindarmos as diferentes formas de (re)existências.

**Palavras-chave:** Região Amazônica. Educação Física. Educação de Pós-Graduação.

### **OLAS DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LA AMAZONIA: LA CANOA PROEF LLEGA AL NORTE DE BRASIL**

### **RESUMEN**

Un relato de experiencia presenta las olas de la Educación Física en Amazonas con la llegada de la canoa PROEF a la región norte del país. Rendimos homenaje a nuestras raíces ancestrales y presentamos la llegada del PROEF en Amazonas. Destacamos la importancia del saber local basado en informes y producciones de los sabios locales. Reflexionamos los desafíos y apostamos por el potencial de un paradigma emergente y decolonial de una ciencia ancestral. Abogamos por una Educación Física Amazónica y por la expansión de la red en la región para celebrar las diferentes formas de (re)existencia.

**Palabras clave:** Región Amazónica. Educación Física. Educación de Postgrado.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – Polos: Universidade Federal do Amazonas e Universidade Federal de Goiás. E-mail: [oliveiravjm@gmail.com](mailto:oliveiravjm@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Professor da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Professor Permanente e Coordenador do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – Polo: Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [luciofer@ufam.edu.br](mailto:luciofer@ufam.edu.br).

## WAVES OF PHYSICAL EDUCATION IN THE AMAZON: PROEF'S CANOE ARRIVES IN THE BRAZILIANS NORTHERN

### ABSTRACT

An experience report aims to present the waves of Physical Education in the Amazon with the arrival of the PROEF canoe in the northern region of the country. We pay tribute to our ancestral roots and present the arrival of PROEF in Amazonas. We highlight the importance of local knowledge based on the report and productions of local sages. We reflect on the challenges and bet on the potential of the emerging and decolonial paradigm that is materializing in an ancestral science. We advocate for an Amazonian Physical Education and for the expansion of the network in the region in order to celebrate the different forms of (re)existence.

**Keywords:** Amazonian Ecosystem. Physical Education. Education, Graduate.

### UM TRIBUTO ÀS RAÍZES ORIGINÁRIAS<sup>3</sup>

#### Antepassados

Sou a árvore da semente que  
cresceu com as raízes  
dos meus antepassados

Sou a flor que brotou  
com o suor da caminhada  
quente, percorrida pelos  
meus ascendentes

Sou o fruto que se deu com  
as batalhas da vida difícil,  
das origens dos meus precursores

Sou o filho do farinheiro, do marceneiro  
e do industriário, sou neto do pescador  
que trouxe até a mesa como alimento,  
o famoso tambaqui assado.

Sou a canoa que o canoeiro rema,  
O pescador que quer pescar o peixe,  
A tarrafa e a malhadeira jogadas  
dentro do rio junto com o anzol

Sou uma gota de sangue  
dos portugueses, dos peruanos,  
dos povos indígenas nativos,  
do vizinho paraense,  
do nordestino cearense  
que fugiu da seca e da fome

---

<sup>3</sup> Texto produzido para a aula magna do polo PROEF/FEFF/UFAM em 24 de maio de 2024. Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio institucional.

Sou o poeta que herdou  
O dom de escrever poesia,  
O dom que foi deixado pelos  
meus tios Antônio e Teodoro

Sou o caboclo amazonense  
que assim como os meus ascendentes,  
respinga o suor que escorre pelo rosto  
com o corpo todo ensopado  
depois de uma chuva de mormaço.

(Vitor Gusmão<sup>4</sup>)

A poesia anuncia a potencialidade amazônica e nos faz conectar com a ancestralidade dos seus povos. Por isso, prestamos um tributo às raízes originárias. A região Norte do Brasil, especialmente, o Amazonas sofre com os imaginários estereotipados e preconceituosos sobre os seus povos e os seus contextos de vida, geralmente, associados ao subdesenvolvimento e ao exotismo. Aos que assim pensam, oferecemos a força da resiliência (*coping*), a riqueza da cultura (material e imaterial) e a produção de desenvolvimento humano dos povos amazônicos.

Muito se fala das riquezas da Amazônia, das quais citamos as construídas historicamente na composição de seus povos tradicionais (indígenas, seringueiros, quilombolas, caboclos e ribeirinhos), mas que, no entanto, pouco se conhece delas (Batista, 19--?). As riquezas de sua biodiversidade, geografia e cultura destacam-se na estrutura de vida e movimento, nos quais as ruas são os rios e igarapés, fonte de alimentação e de atribuição de sentidos e formas para se viver na região (Brigida; Ramos, 2020). Dentre as manifestações culturais, citamos o boi bumbá que ocorre em vários municípios e as várias festas com suas quadrilhas e cirandas (Iphan, 2018).

“Essas manifestações, entre outras, evidenciam os saberes socioculturais locais conformados mediante a relação entre o ser humano, as florestas e os rios” (Oliveira; Barros; Rocha, 2024, p. 3). Os saberes evidenciam as riquezas dos povos amazônicos, altamente cobiçadas e frequentemente roubadas/destruídas pelo garimpo ilegal ou as queimadas. Ailton Krenak (2020a; 2020b) diz que a ambição do homem branco está destruindo a Terra em razão de um desenvolvimento dito humano. Entretanto, os povos originários são resistência para a proteção da floresta, dos rios e da biodiversidade amazônica.

Os saberes da herança amazônica têm sido transformados em conhecimentos

---

<sup>4</sup> Acessado em: <https://ufam.edu.br/noticias-destaque/2633-estudante-de-geografia-da-ufam-vence-concurso-de-poesia.html>. Data de acesso: 03 de maio 2024.

científicos. Mas, muitos seguem uma rota exógena indo para centros de pesquisa localizados fora da região. Assim, pouco desse conhecimento se territorializa, visto que os conhecimentos precisam ser internacionalizados para um “clube exclusivo da humanidade” (Krenak, 2020b, p. 10). Diante dessa conjuntura, numa lógica ocidental, a Amazônia passa por subdesenvolvida, visto que aqui residiria parte da sub humanidade (Krenak, 2020a; 2020b).

No entanto, os/as filhos/as da terra são herdeiros/as e merecem, por direito, participar do processo de produção do conhecimento acerca dos saberes e das riquezas frutos da relação histórica de seus antepassados com a floresta, os rios e a biodiversidade. Logo, instituições de pesquisa que valorizem o saber local podem territorializá-lo a fim de construir um futuro ancestral (Krenak, 2022). Descolonizar o conhecimento é urgente e criar outras formas de conduzir nossas vidas é um imperativo.

Assim, apostamos na poesia e na sua potencialidade de criação (*poíesis*). Fazemos coro com Djalma Batista da necessidade de termos poetas/poetisas na Amazônia, herdeiros/as da terra que possam eternizar nos versos e prosas os anseios e os sentimentos do povo. É diante deste tributo e com a chegada da canoa PROEF<sup>5</sup> na região Norte, que objetivamos relatar as primeiras experiências dos banzeiros<sup>6</sup> da Educação Física (EF) na Amazônia.

## **A CANOA PROEF NOS BANZEIROS DA AMAZÔNIA**

No ano de 2021 foram destinadas duas vagas prioritárias para a região Norte na chamada pública do edital para propostas de adesão de Instituições de Ensino Superior (IES) ao PROEF. Em 22 de outubro de 2021 a canoa PROEF guinou rumo aos banzeiros amazônicos com a classificação<sup>7</sup> da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). No mesmo ano, em 26 de novembro, foi aprovada sua adesão ao PROEF, tendo como unidade responsável a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF).

Em 2022 iniciou a trajetória de 12 mestrandos/as do polo PROEF/FEFF/UFAM, que viriam a se tornar os/as primeiros/as mestres/as em EF do Amazonas, com foco na área de

---

<sup>5</sup> Sigla do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

<sup>6</sup> Trata-se de um termo regional utilizado para se referir aos movimentos ondulares de agitação das águas dos rios amazônicos. Utilizamos o termo neste texto como metáfora sugerindo as “movências” (Krenak, 2022) dinâmicas da vida, na qual a EF faz parte cotidianamente dos povos amazônidas.

<sup>7</sup> Também foi classificada a Universidade Federal de Tocantins (UFT).

concentração em EF Escolar. Sem temermos, nos seguramos sob a quilha da canoa PROEF e remamos diante dos banzeiros que também se refletem nos desafios didático-pedagógicos, burocráticos e logísticos que se agigantaram no caminho, como se contrários ao funcionamento do programa no extremo Norte do país. Concebemos que uma resposta contextualizada era necessária para nossas demandas e foi a partir daí que navegamos caminhos possíveis para a produção do conhecimento *poiético* dos/as herdeiros/as da terra.

O PROEF/FEFF/UFAM cresceu rapidamente. Atualmente, temos 38 mestrados/as, seis mestres/as defendidos e 10 professores/as orientadores/as. O processo de expansão se deu mediante a grande procura pelos inscritos nos editais de seleção. Isso nos revelou a dimensão da demanda reprimida no âmbito da EF Escolar no Amazonas e estados vizinhos. Também, recebemos um discente de São Paulo, destacando que o interesse pelo polo se ampliou para além da região Norte.

A necessidade de expansão não parou. Observamos a possibilidade de criação de um polo no campus UFAM de Parintins, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICZES). Atualmente, o polo tem oito mestrados/as e quatro professores/as orientadores/as. Com dois polos no Amazonas (Manaus e Parintins), a canoa PROEF vai possibilitando processos de interiorização com a chegada de mestrados/as residentes e atuantes na Educação Básica de municípios do interior do Amazonas (Fonte Boa, Lábrea, São Gabriel da Cachoeira, Parintins, Coari e São Paulo de Olivença), do Pará (Santarém, Alenquer, Mojuí dos Campos, Óbidos, Tailandia) e de Roraima (Cantá, Amajari).

Nas conversas diárias das atividades no polo, presenciais ou *online*, temos ouvido relatos como o seguinte: “o PROEF possibilitou meu ingresso em um curso de mestrado”. Isso demonstra, geralmente, que para muitos o “sonho do mestrado” se encontrava distante. Porém, com a chegada da canoa PROEF ao Norte do Brasil, sementes de esperança foram cultivadas pelos rios e florestas e tem possibilitado aos/às filhos/as da terra ampliar seus saberes e territorializá-los para construir uma Educação, cada vez mais, com maior qualidade, justiça e equidade.

## **BANZEIROS POÉTICOS E A CANOA DO SABER LOCAL**

[...] o saber local, que é *nutrido pelo cotidiano*, é a ponte para a produção de uma política - é resultado dos *sábios locais*. O sábio local não é aquele que somente sabe sobre o local propriamente dito; tem de saber, mais e mais, sobre o mundo, mas *tem de respirar o lugar em si* para poder produzir o discurso do cotidiano, que é o discurso da política (Santos, 1999, p. 21, grifos nossos).

Santos (1999) nos brinda com potente reflexão salientando que é necessário fortalecer a produção do saber local. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de expandir a área da EF Escolar na região Norte com discussões e reflexões pautadas nos avanços teóricos e epistemológicos contextualizados com os saberes amazônidas. Diante disso, devemos desconstruir os monopólios do saber, nos quais se cria uma produção fechada (ou seja, quando os cientistas produzem para si mesmos) (Santos, 1999).

Para Santos (1999), o compromisso com o desenvolvimento social indica a necessidade de pensarmos em outras formas de produção dos saberes. Nesse sentido, a canoa PROEF pode se tornar o que o autor denominou de “universidade empírica”, capaz de construir o estudo dos conceitos e dos lugares, a partir dos seus cotidianos. Essas reflexões indicam processos decoloniais e um convite à canoa PROEF de fortalecer os/as sábios/as locais. Os/as sábios/as locais possuem um duplo objetivo: 1) Corroborar o desenvolvimento do saber local com saberes territorializados. 2) Comunicar esses saberes fazendo-os dialogar com outros saberes da academia, assim horizontalizando as relações e tornando-as mais solidárias.

Consideramos nossos/as mestrandos/as e mestres/as legítimos/as sábios/as locais. Por isso, fizemos um exercício de escuta atenta aos seus relatos cotidianos ou sistematicamente escritos. A partir deles, partilhamos um pouco dos banzeiros da EF na Amazônia, sob os quais vem navegando a canoa PROEF. Uma particularidade da canoa PROEF é a “aventura em busca do conhecimento” para muitos/as mestrandos/as que, literalmente, enfrentam os banzeiros dos rios amazônicos. No Amazonas, o tempo corre diferente dos demais estados, visto que as distâncias não são “medidas” por quilômetros, mas, estimadas por dias de navegação.

Vários/as mestrandos/as que residem em municípios do interior trouxeram relatos dos desafios logísticos e financeiros nas viagens para Manaus. Uma mestranda nos contou: “A UFAM fica na cidade de Manaus, distante de Alenquer 601 km (em linha reta) e 741 km (percurso total). Balsa e avião se tornaram meus meios de transportes principais em busca de novos conhecimentos” (relato de uma mestranda, 2024). Outros desafios foram destacados: “O mestrado testou minha resiliência e determinação. Enfrentei desafios logísticos significativos, incluindo viagens frequentes entre Fonte Boa e Manaus” (relato de um mestrando, 2024).

O tempo que se leva de Fonte Boa a Manaus por via fluvial, gira em média de 20 horas de lancha ou dois dias de barco, sendo a volta para Fonte Boa um pouco mais longa, levando até três dias de viagem. E foi neste contexto, que realizei todas as

viagens para participar das aulas presenciais. Ora de lancha, ora de barco, dependendo de minha condição financeira para cada viagem [...] (relato de uma mestranda, 2024).

Outro mestrando relatou o desafio de navegar nos banzeiros do rio Purus de Lábrea até Manaus (trecho percorrido em 5 dias de barco – cerca de um mil quilômetros).

[...] o rio foi nosso grande mestre que nos guiou para uma jornada de descoberta. A bordo do barco minha companheira era a esperança em trazer para minha realidade conhecimento a fim de melhorar a educação no meu município, pois tinha algo que me instigava. A aula magna me trouxe diversas inspirações. O que me chamou mais atenção foi a leitura de um texto que enfatizava a crise que a EF precisava superar. Voltei para minha cidade querendo transformar a realidade. Nessas idas e vindas, os dias de viagem no barco se tornavam longos. Então, resolvi me aventurar pela inacabada BR transamazônica. A cada árvore derrubada à beira da estrada, me fazia refletir em usar a EF para tentar diminuir os danos à natureza, tentando reaproveitar materiais não convencionais que poderiam ser desperdiçados a fim de produzir materiais para a prática de atividade física dos meus alunos (relato de um mestrando, 2024).

Krenak (2022, p. 11) nos convida para uma saudação aos rios, “[...] seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas [...]”. O que a lógica ocidental, inclusive a científica, nos distanciou objetificando a natureza, os saberes tradicionais nos reaproximam dela indicando que rios, florestas, montanhas etc., são entidades prontas a nos ensinar. As culturas amazônicas têm a ensinar para as pessoas que pensam que só se vive em terra firme, que “[...] tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e experiência de pertencer” (Krenak, 2022, p. 17-18).

É esse saber que falta aos “*experts* internacionais”, visto que não habitam o território do qual buscam falar a respeito. Por outro lado, os/as sábios/as locais respiram e vivem esses biomas, assim, podendo criar no cotidiano políticas regionalizadas e protetoras para a Amazônia. Krenak (2022, p. 27) nos conclama: “Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos”. Outro relato foi compartilhado: “a respeito das aulas presenciais, destaco que mesmo sendo uma viagem longa e cansativa, a beleza dos rios e das comunidades ribeirinhas, transmitiam uma paz necessária em meio ao turbilhão de emoções de cada viagem” (relato de uma mestranda, 2024).

Em um mundo do apressamento, da instantaneidade e da descartabilidade, passar vários dias em contato com as águas é um convite ao aprendizado sensível. E o tempo-espaço oportunizado na canoa PROEF coloca a busca pela transformação social, inclusive, em nossas “movências” pelos banzeiros provocados pelo ardor da esperança por um mundo melhor. Esse é um desafio diante de uma lógica cientificista e neoliberal.

Ao final do ciclo formativo no mestrado profissional, os/as mestrandos/as devem apresentar um “recurso educacional”. Krenak (2020a) chama a atenção para que os/as cientistas não sejam capturados pela maquinaria de fazer coisas (mercadorias). Historicamente, o desenvolvimento capitalista separou o ser humano da natureza, alienando a força de trabalho dos meios de produção e promovendo a desumanização. Essa lógica concentra-se na produção de mercadorias das quais grande parte da humanidade (que as produziu) não irá acessá-las (Marx, 2023). A canoa PROEF deve superar essa lógica. Em vez de uma máquina de fazer coisas, os/as cientistas proefianos são convidados/as a produzir um futuro ancestral.

A canoa PROEF tem possibilitado a expansão dos conhecimentos acadêmico-profissionais, corroborando com a *práxis* docente e reforçando a paixão pela EF. Contribuindo com o avanço dos saberes, apresentamos as temáticas das primeiras dissertações e recursos educacionais defendidos.

**Quadro 1** – Produções oriundas das primeiras defesas da canoa PROEF/FEFF/UFAM.

<b>Mestre/a</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Recursos Educacional</b>
Isabela Valente De Bessa	Educação Física no Novo Ensino Médio: articulação entre os conteúdos da cultura corporal e os objetos de conhecimento propostas pela Secretaria de Educação do Amazonas	(Material Didático Interativo) Os objetos de conhecimento da Educação Física na PCP-AM: a prática pedagógica a partir de uma abordagem cultural
Mauricio Cordeiro Barbosa	Experiências formativas interdisciplinares com a Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental: propostas para romper a fragmentação do conhecimento	(Caderno Pedagógico - Ebook) Caminhos para a interdisciplinaridade na Educação Física: propostas para romper a fragmentação do conhecimento nos anos iniciais do Ensino Fundamental
Walmir Kemeson de Lima	Tematização da saúde nas aulas de Educação Física com um enfoque salutogênico: uma experiência em Fonte Boa/AM	(Caderno Pedagógico - Ebook) (Re)Pensando a saúde na Educação Física: uma abordagem salutogênica no Ensino Médio
Antonio David Araújo Lima	O atletismo no contexto escolar nos anos finais do Ensino Fundamental: a visão dos professores sobre a temática	(Sequência didática - Ebook) Atletismo escolar: possibilidades pedagógicas de ensino e aprendizagem
Maria Leoneida Ferreira Nhuma	Níveis de Coordenação Motora de escolares do ensino fundamental anos finais: foco em um município da região do alto Solimões	(Curso de Formação) Curso de Avaliação Motora: o teste KTK em foco
Mayza Batalha Mendonça de Lima	Nível de Coordenação Motora e o Desempenho em leitura de escolares do ensino fundamental anos iniciais	(Jogo Didático) JOGO DE TABULEIRO: aprendendo por meio do movimento e da leitura

**Fonte:** Dados do polo PROEF/FEFF/UFAM (2024).

Os saberes produzidos pelos/as herdeiros/as da terra reverberam suas raízes ancestrais e se entrelaçam com a poética amazônica. A movência dos/as sábios/as locais em matéria e espírito tem produzido novos banzeiros da EF que irão territorializar suas raízes. Vejamos um relato:

Após o término desta rica experiência dentro do PROEF pretendo inicialmente divulgar o recurso educacional elaborado no programa com o objetivo de que mais professores/as utilizem e, dessa forma, fazer uma nova avaliação para que possa ser melhorado. Novos desafios também estão no horizonte como aumentar a minha produção científica através da elaboração de artigos, participação de eventos e, quem sabe, ter a oportunidade de entrar em um curso de doutorado (relato de um mestrando, 2024).

A canoa PROEF vem banzeirando outras formas de fazer ciência na Amazônia. Essas ações podem nos conduzir para revertermos os processos de alienação produzidos para com a Terra e provocar outros processos de reconciliação com ela (Krenak, 2020b). Nesse sentido, consideramos que amazonizar-se significa humanizar-se. Há uma movência a ser feita na reconexão com a Terra, nos integrando novamente com ela. A busca pelo “elo perdido” nos indica a necessidade de uma nova epistemologia, talvez, uma epistemologia “ancestral” (Krenak, 2022).

Santos (2008, p. 60) observa a emergência de um paradigma revolucionário “[...] de um conhecimento prudente para uma vida decente”, ou seja, que além de científico é social. Nessa esteira, Santos e Meneses (2013) indicam que devemos questionar e rever os impactos das epistemologias centradas no colonialismo e no capitalismo, visto que dominaram, negaram e suprimiram os saberes próprios dos povos tradicionais que foram colonizados.

Logo, devemos brindar as epistemologias do Sul, não sendo mais colonizados pelos saberes colonizadores (a redundância é necessária). Portanto, falamos de um processo decolonial de resistência frente a um paradigma colonizador dominante. Por exemplo, a racionalidade de um paradigma dominante na EF (especificamente, no campo da atividade física e saúde) desconsidera a localização geopolítica do corpo e de marcadores sociais que afetam as pessoas como etnia, gênero, sexualidade etc. Nesse sentido, concordamos sobre a necessidade de uma perspectiva decolonial que traz para o centro a discussão contra as opressões que conectam o capitalismo, o patriarcado e o racismo (Knuth et al., 2024).

Para aproximarmos essa discussão com a realidade escolar, onde os banzeiros da EF na Amazônia têm se encontrado com a canoa PROEF, questionamos: como falar em indicadores internacionais de educação diante das opressões vividas cotidianamente pelas populações colonizadas? Faz algum sentido soar em coro com as epistemologias

colonizadoras que suprimem os saberes locais e ditam indicadores que não dialogam com o desenvolvimento regional?

Diante deste cenário, vemos com esperança a potencialidade de uma pedagogia do oprimido (Freire, 2022). Tal pedagogia faz emergir elementos de uma epistemologia do Sul, cujos saberes destacam uma agenda decolonial. A educação não é bancária, mas, reflexiva e libertadora das opressões. Essa movência tem nos indicado os desafios da produção do conhecimento em EF Escolar na Amazônia. Contudo, contraditoriamente, lidamos cotidianamente com políticas de uma agenda neoliberal, banzeirando (e, até mesmo, balburdiando) outras formas de produzir saberes locais e ancestrais.

## **BANZEIROS POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA AMAZÔNIDA**

A canoa PROEF destaca-se como *lócus* inovador para a consolidação de uma formação para os/as herdeiros/as da terra, o que nos faz advogar por uma EF Amazônica. Um mestrando relatou: “um dos pontos que mais me chamaram a atenção no PROEF foi saber que o programa tem como foco a EF Escolar, algo que até então não tinha em Manaus” (relato de um mestrando, 2024). Nos poucos anos que a canoa PROEF desliza sobre os banzeiros amazônicos, podemos colher relatos de impactos significativos.

Em 2023 fui aprovado na seletiva para ingresso no PROEF, uma etapa que parecia distante [...]. Minhas expectativas diante do PROEF são de muitas aprendizagens com meus pares de profissão, tutores das disciplinas e orientador. Hoje sou um profissional com muitas inquietações diante do cenário da EF, muitas ‘ideias soltas’ e minha perspectiva é de adquirir robustez e experiência em pesquisa para que eu possa canalizar tudo isso e transformar em soluções viáveis, dando um retorno significativo para a sociedade (relato de um mestrando, 2024).

Esse cenário do ingresso no qual, geralmente, observamos os/as mestrandos/as com “ideias soltas” (mas, com muita vontade de aprender) é contrastado com a ampliação e aprofundamento que vão sendo alcançados no percurso do mestrado. Relatos exemplificam: “[...] tive oportunidade de aprender, construir e reconstruir minhas práticas pedagógicas no chão da escola, pois precisava ampliar minha visão para passar aos meus/minhas alunos/as uma EF mais holística” (relato de um mestrando, 2024).

O PROEF foi responsável por ampliar a minha visão sobre ser professor, sobre os objetivos da EF na escola, sobre como alcançar estes objetivos, sobre bases teóricas e metodológicas, enfim, me tornou um professor melhor e mais preparado do que há dois anos, quando iniciei esta caminhada. Hoje me entendo como um professor-pesquisador, um professor que com um olhar diferente sobre os processos que ocorrem na escola e, especificamente, na EF (relato de um mestrando, 2024).

Enquanto política de fortalecimento da Educação Básica, a canoa PROEF também propicia a valorização da EF Amazônida. Os relatos que vamos colhendo indicam o aprofundamento teórico-metodológico e crítico-reflexivo dos saberes que os/as mestrando/as carregam consigo, frutos de suas sapiências. Tardif (2002) nos ajuda a compreender esses processos quando coloca que os saberes da experiência fazem parte da construção do ser docente. Nesse sentido, temos que brindar esses saberes, heranças do saber local produzidos pelos antepassados e repassados a cada geração.

Consideramos que o trabalho a ser feito está em reconhecer, valorizar e potencializar esses saberes interconectando ancestralidade com cientificidade para ampliar a envergadura do alcance da EF na Amazônia como uma ciência ancestral. Advogando por uma EF da Amazônia, Oliveira, Barros e Rocha (2024) indicam que o tempo-espaço da formação continuada oportuniza meios para a construção de uma educação republicana e crítica. A canoa PROEF se apresenta como potencializadora desses processos, visto que aproxima universidade e escola. Sendo assim, vale ressaltar a necessidade de que essa relação se dê horizontalmente em processos colaborativos (Oliveira; Barros; Rocha, 2024), produzindo o potencial de causar o esperar (Freire, 2022):

Foi desafiador, mas uma caminhada muito construtiva. Recordo de cada viagem, e do quanto voltava renovada para minha cidade e para o meu trabalho, após todas as vivências e aprendizados junto aos professores e colegas de turma. Os conhecimentos construídos em cada disciplina eram potencializados por meio das atividades e diálogos nas aulas presenciais (relato de uma mestranda, 2024).

Esperança nos indica a renovação da nossa movência no mundo em matéria e espírito. Assim, a canoa PROEF vai criando mais e mais espaços para esperar e para florescer uma EF Amazônida. Os banheiros vão se agitando a cada turma, criando movências rizomáticas em que cada mestrando/a vai afetando outros/as professores/as que também vão ingressando na canoa.

No [PROEF], tive a oportunidade de debater, criticar, discutir, praticar, escrever, ler, brincar, sorrir e viver experiências grandiosas com meus colegas de turma e professores que são muito capacitados e de grande inteligência, onde suas contribuições eram como uma bússola que nos guiam na resolução de inúmeras incertezas. A partir da minha vivência, outras pessoas próximas a mim também ingressaram na turma posterior a minha. Esse programa é favorável, acolhedor e incitador, principalmente para pessoas que, iguais a mim, vivem no interior e fazem da EF a vida. Hoje me inspiro em meus professores do PROEF e quero ser também uma bússola para meus alunos (relato de uma mestranda, 2024).

O motor que move a canoa PROEF na Amazônia é abastecido de afetos, de esperançamentos e de movências em matéria e espírito. São as pessoas da terra que, ao viver

o cotidiano amazônico e fazer da EF a vida, remam conosco a canoa PROEF. Pois, quando um cansa, o outro reforça a remada para que a canoa continue deslizando sob os banzeiros rumo a novas localidades da região. As individualidades reforçam a coletividade em um processo que contribui para ampliar a canoa.

Por fim, destaco que fazer o mestrado perpassa [além da] questão de uma realização pessoal ou profissional. É o desejo de toda uma categoria, reprimida pela falta de oportunidade, que constantemente luta pelo espaço que é legítimo de nossa área. Os municípios do interior do estado têm suas especificidades. E talvez, de outra forma eu não teria acesso a pós-graduação, senão por um programa como o PROEF, onde o processo de inclusão começa pela forma que a prova é realizada. Depois, pela organização das disciplinas no AVA e o esforço dos professores na organização das aulas presenciais e na compreensão de nossa realidade. A avaliação que faço deste percurso é totalmente positiva. Olhar para este tempo dedicado ao mestrado, muito me orgulha, por tamanho aprendizado e superação (relato de uma mestranda, 2024).

A canoa PROEF tem possibilitado suprir demandas reprimidas, principalmente, para aqueles/as professores/as que estão nos interiores da Amazônia. Mas, mesmo assim, ainda há desafios seja na capital ou no interior, visto que muitos têm que cursar o mestrado trabalhando 40 horas semanais, com inúmeras turmas e demandas burocráticas. O avanço das políticas para a formação continuada de professores/as é necessário. Ou seja, não adianta apenas colocarmos a canoa PROEF nos banzeiros, se os/as professores/as não conseguem remar, visto que precisam se ocupar do preenchimento de diários e relatórios. Precisamos urgentemente constituir em diálogo com os/as professores/as uma política específica nos municípios e nos estados para possibilitar a eles se aventurarem na canoa PROEF.

Diante dos desafios, a canoa PROEF não vai parar, pois já se encontra nos banzeiros fortalecendo uma EF Amazônida. Atualmente, a região Norte conta com três polos do PROEF: Amazonas (UFAM - Manaus e Parintins) e Tocantins (UFT - Miracema). Na imensidão da região, vemos como urgente a ampliação da rede com a adesão de outras IES em outros estados para diminuir as lacunas e demandas historicamente reprimidas. Com o avançar da experiência da canoa PROEF/UFAM temos condições de advogar por essa ampliação, visto as conquistas alcançadas nestes primeiros anos.

Por fim, concluímos este texto com nossa canoa PROEF nos banzeiros Amazônidas. Nosso intuito é que esse relato encontre outros e nos façam esperar ainda mais por um mundo mais justo. Assim como nossos rios amazônicos, fazemos banzeiros que nas movências em matéria e espírito saúdam nossos antepassados. Ressaltamos a ancestralidade dos povos originários e, com ela, buscamos fazer uma nova ciência com o saber local, dialogando com um mundo globalizado e mostrando a potência do Norte brasileiro. Assim,

ampliaremos a pluralidade das várias Educações Físicas evidenciando-as e promovendo-as para uma vida que seja de condições mais satisfatórias e justas e que celebre as diferentes formas de (re)existências.

Viva à canoa PROEF!

Viva à Educação Física Amazônida!

## REFERÊNCIAS

- BATISTA, Djalma. **Da Habitabilidade da Amazônia**. Rio de Janeiro: IBGE, [19--?].
- BRIGIDA, Alexsander Luiz Braga Santa; RAMOS, Evandro de Moraes. Banzeiros do rio Negro e a escola ribeirinha: as aulas de Educação Física no contexto da hinterlândia amazônica. **Revista Teias**, v. 21, n. 61, p. 201-217, abr-jun 2020. <https://doi.org/10.12957/teias.2020.49645>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Processo de instrução técnica do inventário de reconhecimento do complexo cultural boi-bumbá do Médio Amazonas e Parintins**. São Luís: IPHAN, 2018.
- KNUTH, Alan G. et al. Is It Possible to Decolonize the Field of Physical Activity and Health? **Journal of Physical Activity and Health**, Ahead of Print, 2024. <https://doi.org/10.1123/jpah.2024-0135>
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2023.
- OLIVEIRA, Victor José Machado de; BARROS, João Luiz da Costa; ROCHA, Jamillys Rocha da. Imaginários sobre a Educação Física escolar no interior do Amazonas: registros de percepções e possibilidades de transformação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, e290018, 2024. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782024290018>
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.
- SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2, p. 15-26, 1999.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.